



Sociais News

Capturando notícias para você



Descobrir, Escutar, Pesquisar:

Spoiler da próxima semana

Um Outro Jeito de Aprender nas Ciências Sociais

A graduanda Mariana Calvi dos Santos, do 3º período de Ciências Sociais-Bacharelado, nos conta a experiência e a importância de se fazer uma iniciação científica.



Na próxima edição, colocaremos lado a lado duas formas de olhar para o social: a da Sociologia e a da Antropologia.

A partir de um mesmo tema, veremos como cada uma dessas áreas das Ciências Sociais interpreta, analisa e propõe reflexões distintas, ou será que nem tão distintas assim?

Aguardem e vejam: a próxima edição promete provocar boas perguntas e instigar novos olhares.

Elas limpam, cuidam, mas quem cuida Delas?

A precarização do trabalho doméstico revela desigualdades históricas e a urgência do reconhecimento social e político dessas mulheres.

A graduanda Mirian Fernandes da Silva de Oliveira, do 7º período de Ciências Sociais-Bacharelado, discute sobre o trabalho doméstico





Sociais News

Capturando notícias para você



A pesquisa começa quando você resolve sair da dúvida e entrar no processo.

Eu sempre tive curiosidade sobre como funcionam os bastidores da pesquisa acadêmica. Foi nas aulas de Extensão e Pesquisa em Ciências Sociais que descobri a oportunidade de me aproximar disso, mais especificamente, quando o professor Groppo apresentou a pesquisa “Dimensões Educacionais: Jornadas de 2013”. O tema me chamou a atenção logo de cara, por se relacionar com temas que me instigam: a política e movimentos sociais.

Comecei a frequentar as reuniões em agosto de 2024, ainda como voluntária. Foi uma forma de me aproximar do grupo e entender o ritmo do trabalho. Mais tarde, com a saída de uma colega que foi para o PIBID, surgiu a chance de me tornar bolsista.

No começo, fiquei um pouco perdida. Analisar entrevistas com militantes e ativistas das Jornadas de Junho de 2013 exigia mais do que só interpretar falas, exigia um olhar crítico e sensível para os relatos, e como eu estava no segundo período ainda não tinha desenvolvido. Mas aos poucos, com as trocas nas reuniões e o apoio da equipe, fui entendendo como visualizar as narrativas. Percebi que cada cidade viveu as Jornadas de um jeito, e que cada pessoa guarda até hoje memórias, marcas e aprendizados próprios daquele período, e com esse fato desenvolvi um projeto que vou apresentar no Congresso Brasileiro de Sociologia esse ano.

Fazer iniciação científica foi, para mim, um outro modo de aprender. Nela, você não tem contato só com métodos, análise de dados e escrita acadêmica, mas também tem contato com escuta, apoio, parceria e isso se constrói nas trocas entre os integrantes do grupo. Além disso, é uma oportunidade de entrar em contato com autores e temas que nem sempre aparecem nas disciplinas obrigatórias, mas que podem transformar seu percurso acadêmico e até pessoal. Afinal, como já foi dito em outras edições do nosso jornal, nem só de teoria vive o cientista social: é na prática que nossos conceitos ganham sentido. E é por isso que a famosa I.C., para os íntimos, é tão importante.



Sociais News

Capturando notícias para você



A pesquisa começa quando você resolve sair da dúvida e entrar no processo.

Se você tem vontade de pesquisar, de se aprofundar em um tema ou simplesmente está curioso sobre como funcionam as pesquisas acadêmicas, se aproxime dos professores, conheça seus interesses e converse com colegas que já estão em alguma pesquisa. Você pode entrar em projetos que já existem ou propor um tema próprio, e para isso, vale muito entender qual docente se aproxima daquilo que você tem interesse em pesquisar. Tem muito mais abertura do que parece, e começar é mais simples do que a gente imagina.

A iniciação científica não é só “mais um item no currículo”. Ela é um espaço de descoberta, de escuta, de construção coletiva. É um convite a olhar o mundo com mais atenção, mais cuidado e mais perguntas.

Mariana Calvi dos Santos



Sociais News

Capturando notícias para você



As Donas do Tempo dos Outros

Limpar a casa, aprontar o jantar, organizar tudo antes da chegada dos moradores. As lidas domésticas são um labor ancestral e quase invisível, passando por gerações e presente na vida de inúmeras famílias no Brasil. Entretanto, por trás dessa rotina corriqueira, existe uma história extensa e bastante ruidosa de desigualdades.

No país, o trabalho doméstico sempre esteve atrelado a relações assimétricas entre patrões e empregadas, pessoas brancas e negras, ricos e pobres. Uma herança direta da escravidão que, mesmo após o fim, encontrou outros meios de continuar. Ainda hoje, é um ofício ligado ao feminino, à submissão, ao "dom natural para cuidar". É quase sempre feito por mulheres negras, de origem modesta, que lutam para entrar em outros setores do mercado.

Em 2013, a Emenda Constitucional que equiparou os direitos das domésticas aos dos demais trabalhadores formais foi vista como um grande progresso. Teoricamente, sim. Mas o dia a dia mostra outra história. O contrato é instável, a informalidade persiste, e o reconhecimento financeiro e social ainda é baixo. Em muitas casas, há controle excessivo, desconfiança e pouquíssima garantia. O que deveria ser encarado como uma profissão vital para a vida urbana ainda é visto, em muitos lares, como um "favorzinho", uma "mãozinha" dada por quem contrata.

Valorizar a relevância do trabalho doméstico é mais do que justiça: é acertar as contas com o passado e as desigualdades atuais. É dar valor não só ao esforço físico, mas também ao conhecimento prático, à capacidade de organização, à inteligência social de lidar com várias rotinas, regras e expectativas.



Sociais News

Capturando notícias para você



As Donas do Tempo dos Outros

É crucial dar voz a essas mulheres. Compreender como elas formam laços, criam meios de contornar a precariedade e seguem sustentando a vida de outras famílias, muitas vezes sem conseguir sustentar a sua. Além de leis, elas precisam de respeito, reconhecimento e dignidade.

Enquanto encararmos o trabalho doméstico como algo menor algo que "se faz por amor", "por carinho" ou "por jeito feminino" estaremos repetindo, com outras palavras, as mesmas práticas de exclusão ensinadas desde a escravidão. Lutar contra essa ideia é o primeiro passo para mudar a situação.

Mirian Fernandes da Silva de Oliveira